

# Mães Solteiras



## O homem é companheiro... e a sociedade a responsável

**Muitas mulheres no nosso País, quer no campo, quer nas cidades, têm filhos sem terem realizado qualquer tipo de casamento, e frequentemente uma mulher pode ter dois ou três filhos de pais diferentes, conforme assinala o documento da análise da situação social da mulher apresentado durante a Conferência Extraordinária da OMM, para se referir à questão das mães solteiras, hoje candente. Uma coisa é certa. Neste problema, o homem é parceiro para a resolução e não adversário a abater, como ressalta nalgumas mentalidades.**

É um problema que vem de longa data, e segundo Barbara Isaacman e June Stephan, no seu livro «A mulher moçambicana no processo de libertação», «este problema está directamente relacionado com o impacto do colonialismo e do capitalismo nas sociedades tradicionais moçambicanas».

O mesmo documento acrescenta que, «com o desaparecimento do controlo familiar tradicional e o aumento da mobilidade geográfica, começou a ser mais comum a coabitação por período de tempo relativamente curto», dando lugar a mães solteiras.

A questão das mães solteiras sente-se mais nas cidades, contudo a presença de tropas coloniais por todo o território de Moçam-

bique agravou o problema da prostituição e aumentou o número destes casos nas diferentes zonas do País.

Das causas apontadas durante a Conferência Extraordinária da OMM, consta, em relação às mulheres do campo, o problema dos «preços altos exigidos para o lobolo, que fazem com que os namoros sejam muito prolongados, surgindo entretanto a gravidez». Outra, é a dos ritos de iniciação, «que muitas vezes levam os jovens a práticas sexuais antes do casamento».

No que se refere às cidades, o documento aponta que o problema das mães solteiras deve-se «à gravidez de menores muitas vezes fomentada por homens casados». Aponta «a prática do adultério e

do amantismo, em que muitos homens casados engravidam jovens ou mulheres casadas».

Em outros casos porém, há mulheres acreditando que a emancipação da mulher significa promiscuidade sexual, cópula sem restrições nem deveres, e como a muitas, senão a todas, falta educação sexual, geralmente tornam-se mães muito novas, involuntariamente.

Há também, embora poucas, mulheres que desejam ter filho sem manter qualquer vínculo de coabitação ou convivência regular com o homem de quem lhes nasce a criança. De um grupo de perto de vinte mulheres com quem vimos conversando informalmente ao longo das últimas três semanas, pelo menos sete afirmaram ter essa vontade. Eram quase todas pessoas com um certo grau de instrução, emprego, casa própria e independência económica. Será o resvalar para uma mentalidade «libertina» no que se refere à concepção de vida afectiva?

O problema parece, quanto a nós, estar ligado às influências de valores morais e culturais tradicionais, segundo as quais «uma mulher que não seja mãe, não é um ser humano com valor».

É, por isso, grande desejo de quase todas as mulheres serem

mães, temendo a esterilidade mais do que tudo. Devido ao papel de fiel desempenhado no meio social pela fertilidade e maternidade, a maior parte das mulheres procura ser mãe, «a melhor e mais clara medida do seu valor», quer a criança tenha ou não um pai ou meios seguros de sustento, conforme salientam Barbara Isaacman e June Stephan.

## O GRANDE DILEMA

A maior preocupação vai para as mulheres que sendo mães, não têm marido, emprego; não dispõem de meios de sustento para si e para os filhos, cujo sustento muitas vezes os pais recusam. Num estudo feito em 1978 pela OMM, no mês de Maio, em duas manhãs foram ouvidos no Tribunal de Menores 34 casos de crianças cujos pais se recusam a sustentá-las.

Nestes casos, as mães solteiras acabam por se prostituírem ou por enveredarem por caminhos menos edificantes, para prover meios de subsistência. Há também, casos em que elas sobre-carregam os já magros vencimentos dos pais, irmãos ou outros familiares a quem se dirigem a pedir guarida, ou que, voluntariamente, a elas estendem a mão por inerência moral.

Para as que trabalham e que podem olhar por si e seus filhos, o problema já, são as pressões sociais. Subsistem atitudes tradicionais, segundo as quais as mulheres só são consideradas como tendo valor estando casadas.

É vulgar encontrar a conotação de prostituta, liberal ou irresponsável no tratamento à mãe solteira por parte da sociedade, o que muitas vezes a relega a um plano secundário, traumatiza-a e chega mesmo a marginalizá-la. Isso toca também, e não raras vezes, às mulheres divorciadas.

Exemplo fresco foi este de, interpretando mal a abordagem feita na Conferência Extraordinária da OMM sobre a questão, «agitadores», como os classificaria Jorge Rebelo, membro do BP e 1.º Secretário do Partido na Cidade de Maputo, terem iniciado uma «caça à mãe solteira». Assim,

ela não apenas sentir-se-á incompreendida e sem auxílio, como igualmente se verá perseguida.

## EDUCAÇÃO SEXUAL

Sendo o acto sexual, de que pode resultar fecundação e maternidade, intrínseco à propriedade fisiológica da mulher, então, parece extremamente importante que as mulheres só possam ter filhos quando o desejarem e souberem que são bem-vindos.

Mesmo no campo, «há mulheres que conhecem métodos ervanários tradicionais de controlar a fertilidade».

Integrada na «relação mais natural entre dois seres humanos», a relação entre homem e mulher, como escreveu Karl Marx nos Manuscritos de 1884, esta questão da vida sexual parece dever merecer um tratamento científico, sem preconceitos, porém realista, de modo a «eliminar o problema pela raiz».

Dentre as diferentes propostas de solução apresentadas durante a Conferência Extraordinária da OMM, para além de, «que haja educação sexual aos jovens nas escolas», consta a de que, «se a jovem estudante engravidar não deve ser expulsa da escola, mas dar-se-lhe a possibilidade de estudar à noite».

O documento apresentado com a análise da situação social da mulher, fazia uma referência de que «é fundamental que a mulher respeite a sua dignidade». Apon-tava ainda que deve ser realizado um «amplo trabalho de esclarecimento ao homem gerador deste tipo de situações», para depois rematar que, «devem-se tomar medidas severas em relação aos homens que abusam mulheres e em especial quando se trata de um casado».

Só para reflexão poderemos citar Maya Castro, quanto a nós com tendências feministas, quan-

do no seu livro «a mulher do futuro» acusa:

— «Os primeiros proprietários individuais que a terra conheceu foram os homens. A sua riqueza teve origem na exploração das mulheres. Na exploração económica das esposas-escravas sexuais.»

«Surgiram, então, as primeiras classes sociais: de um lado os homens, os maridos, como exploradores do trabalho das esposas; do outro lado, as mulheres, as esposas, há muito apropriadas como escravas. E são estas duas classes opostas e antagónicas...»

Maya Castro, definindo homens e mulheres como classes opostas e antagónicas, ignora que «a escravização da mulher remonta ao período em que se iniciou a exploração do trabalho escravo dos prisioneiros de guerra, isto é, ao início da exploração do homem pelo homem». Tenta assim rebater a ideia de que «a opressão da mulher» assenta «no sistema da opressão masculina» e que a exploração e a opressão de um e de outro têm origem na propriedade privada, como explica Engels na «Origem da família, da propriedade privada e do Estado».

Mas, voltando à terra — entendase, deixando os teóricos — a questão das mães solteiras cabe no combate pela emancipação da mulher, no qual o homem moçambicano está empenhado sem dever ser tomado como pertencendo a uma «classe oposta». Este combate passará também pela «integração de mães solteiras em actividades produtivas», pela instrução e elevação da vida espiritual da nossa mulher.

A divulgação junto à sociedade da análise feita sobre este assunto, e a das decisões adoptadas, virá certamente enriquecer a sua abordagem.

**Hilário Matusse**